

GILBERTO FREYRE E O MITO

GILBERTO FREYRE AND THE MYTH

*Esdras Neemias Freitas Gavião*¹

RESUMO

O presente texto trata dos mitos acerca dos indígenas que se perpetuaram a partir do pensamento de Gilberto Freyre no clássico *Casa-grande & Senzala* publicado em 1933. A identidade brasileira é construída por Gilberto Freyre na perspectiva do atraso e do subdesenvolvimento dos povos originários, marcada pela falta de moral. O autor é criticado por outros autores em razão da suavização da brutalidade dos colonos portugueses. A análise do texto é feita com base na crítica especializada e na análise linguística.

Palavras-chave: Mito; Identidade nacional; linguagem.

INTRODUÇÃO

Gilberto Freyre foi bacharel em Artes Liberais pela Universidade de Baylor (Texas), mestre pela Universidade de Columbia (Nova York) (1922). Em sua passagem pela Universidade Columbia teve contato com o autor Franz Boas teórico do *relativismo cultural*^{2/3}.

A obra *Casa-grande & Senzala* – mais famosa do autor – é um ensaio publicado em 1933 e, é desde a sua publicação objeto de discussões acadêmicas, jornalísticas e populares em razão da caracterização peculiar do

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade Mineira de Direito (FMD) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) (2021). Especializando em Linguagem Jurídica pela Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (2023). Foi pesquisador bolsista (FAPEMIG) no Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) (2021-2022) agraciado com Menção Honrosa no Prêmio 29º Seminário de Iniciação Científica (2021) e Destaque da Iniciação Científica (2022). Foi extensionista, expositor e integrante de grupo de estudos, além de monitor. Atualmente, é habilitado como Conciliador Judicial no CNJ e Facilitador de Práticas Restaurativas no MPMG.

² BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. pp. 18-20.

³ GILBERTO FREYRE. In: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre. Acesso em: 29 de nov. de 2022.

autor aos povos indígenas, negros, portugueses e suas práticas sociais a época. O autor é reputado como o criador do mito da democracia racial brasileira apesar de não utilizar o termo na obra.

Cabe ressaltar que o ensaio não pretendeu ser um estudo sociológico ou antropológico (baseado em fontes historiográficas e reflexivas). Inclusive, o próprio ensaísta se descreve enquanto: "escritor treinado em ciências sociais" em vez de antropólogo ou sociólogo – influência notória de Boas que ressaltava a importância da pesquisa empírica para validação de estudos sociológicos e antropológicos posteriores⁴.

Por último, é importante analisar as observações e proposições autorais sob o prisma da época em que foram propostas e, no contexto social em que foram publicadas, sob pena de uma análise anacrônica – o que valida as críticas contemporâneas a edição do ensaio encabeçadas pelo autor Florestan Fernandes e outros⁵.

1. O MITO E A IDENTIDADE

A identidade brasileira é construída por Gilberto Freyre na perspectiva do atraso e do subdesenvolvimento dos povos originários, marcada pela falta de moral – cristã. Na outra ponta, os colonizadores são descritos como pouco agressivos (racistas) em razão da proximidade com outros povos *rasteiros* (mouros)⁶.

Os portugueses, além de menos ardentes na ortodoxia que os espanhóis e menos estritos que os ingleses nos preconceitos de cor e de moral cristã, vieram defrontar-se na América, não com nenhum povo. O indígena na formação da família brasileira articulado em império ou em sistema já vigoroso de cultura moral e material - com palácios, sacrifícios humanos aos deuses, monumentos, pontes, obras de irrigação e de exploração de minas - mas, ao contrário, com uma das populações mais rasteiras do continente⁷.

1.1 O Mito da Mulher Indígena

⁴ MAIO, Marcos Chor; Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Revista Tempo Social*. Universidade de São Paulo. São Paulo, V. 11 (1). Pp. 111-136, 1999.

⁵ FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. Minas Gerais: Dominus, 1965.

⁶ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 481. Ed. São Paulo: Global, 2003. pp. 157-158.

⁷ Ibidem. p. 158.

Estes colonos são tratados enquanto homens assediados pelas mulheres indígenas, negando a violência sexual dos portugueses para com as nativas. Inclusive, o substantivo “amor” é grafado em algumas passagens para descrever as relações sexuais entre os colonos e os originários, o que sintaticamente reputa sentido suavizador narrativo linguístico, negando a prática cultural do estupro às mulheres indígenas:

O europeu saltava em terra escorregando em índia nua; os próprios padres da Companhia precisavam descer com cuidado, senão atolavam o pé em carne. Muitos clérigos, dos outros, deixaram-se contaminar pela devassidão. As mulheres eram as primeiras a se entregarem aos brancos, as mais ardentes indo esfregar-se nas pernas desses que supunham deuses. Davam-se ao europeu por um pente ou um caco de espelho⁸.

É importante ressaltar que o mito da mulher indígena como exacerbadamente sexual perpetuou-se no Brasil – tendo a manutenção desse *status quo* pela construção artística filmográfica e literária⁹ – e ainda hoje é objeto de estudos acadêmicos com enfoque em como são retratadas essas mulheres e relativizadas suas violências^{10/11/12}.

1.2 O Instrumento do Mito

Outro recurso do ensaísta é o linguístico. Em algumas passagens a escrita do autor parece poética – o que não foge à proposta em razão da natureza do texto e que demonstra o nível de domínio da linguagem e suas variações pelo autor.

⁸ Ibidem. p. 160.

⁹ As mulheres indígenas são retratadas com exorbitância libidinosa, reforçando estereótipos presentes no imaginário popular a cerca dessas populações. Sempre ressaltando o caráter erótico como fator marcante das personagens indígenas.

¹⁰ FRANCO, Maria Asenate Conceição. As “negas” dele: Violência racial intragênero e marcas do Brasil colônia em contextos rurais baianos no século XXI. *Anais do V Seminário internacional enlaçando sexualidades*. pp. 9-11.

¹¹ TERUYA, Priscilla Soares. “Feirinhas”: Problematisando os discursos midiáticos sobre os estupros coletivos de mulheres indígenas. Orientadora: Andrea Cristina Coelho Scisleski. 2017. 160 fls. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande (MS). Disponível em: < <https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1021979-final.pdf> >. Acesso em: 29 de nov. 2022.

¹² PEREIRA, Sthefane Felipa da Costa. O imaginário feminino indígena no cinema brasileiro. 2016. 117 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social. Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2016.

Do ponto de vista semiótico é perceptível a aparição dos verbos: “colaborar”, “auxiliar”, “participar” nas atividades ordenadas aos indígenas escravizados, coadunando com às críticas de suavizador da brutalidade dos colonos e suas práticas escravagistas, bem como, a caracterização do índio enquanto indivíduo preguiçoso, pacato, lúdico folclórico – que também se perpetuou no imaginário popular¹³.

Nesse sentido, é importante ressaltar que a etnografia do ensaísta é reconhecida por grandes nomes da antropologia – Darcy Ribeiro – mas que se perdem na poesia, simplificação e tentativa de análise dos fenômenos sociais por práticas isoladas – consequências – excluindo-se as institucionalizadas, estruturais.

A etnografia do livro é, no dizer de Darcy Ribeiro, de boa qualidade. Não se trata de obra de algum preguiçoso genial. O livro se deixa ler preguiçosa, languidamente. Mas isso é outra coisa. É tão bem escrito, tão embalado na atmosfera oleosa, morna, da descrição frequentemente idílica que o autor faz para caracterizar o Brasil patriarcal, que leva o leitor no embalo. Mas que ninguém se engane: por trás das descrições, às vezes romanceadas e mesmo distorcidas, há muita pesquisa. Gilberto Freyre tinha a pachorra e a paixão pelo detalhe, pela minúcia, pelo concreto. A tessitura assim formada, entretanto, levavam frequentemente à simplificação habitual dos grandes muralistas. Na projeção de cada minúcia para compor o painel surgem construções hiper-realistas mescladas com perspectivas surrealistas que tornam o real fugidio¹⁴.

Outra prática narrada pelo autor é a da forma que se deu o intercâmbio da religião cristã com os povos originários, se dando pelo coopto das crianças indígenas (*curumin*) catequizadas e instigadas a retornarem às comunidades indígenas para fins de proliferação da cultura colona (por meio de cânticos, etc.) e ridicularização dos chefes indígenas¹⁵.

Nos seminários para meninos e meninas, curumins e cunhatains, filhos dos índios, mestiços, ou brancos, ensinavam, de ordinário, o português e o tupi, preparando deste modo os primeiros catecúmenos, os mais idôneos, para levar a conversão ao lar paterno¹⁶.

¹³

¹⁴ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 481. Ed. São Paulo: Global, 2003. pp. 20-21.

¹⁵ Ibidem. p. 220.

¹⁶ Idem.

Dessa forma, minou-se os elementos culturais (danças, pinturas corporais etc.) próprios dos povos indígenas fazendo os rituais e líderes perderem autoridade que viria a ser ocupada pelos eclesiásticos, bem como aproveitou-se da própria cultura indígena para criação de analogias com intenção de assimilação¹⁷ do catolicismo^{18/19}).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade brasileira construída por Gilberto Freyre é calcada na impressão de subdesenvolvimento dos povos originários, com enfoque na imoralidade dos povos indígenas face a moral cristã.

O domínio da linguagem e seus recursos pelo ensaísta – flagrantemente na escolha dos adjetivos, substantivos acerca dos métodos utilizados pelos colonos – são contributivos para a crítica de que este tentou suavizar a brutalidade dos portugueses com as comunidades indígenas.

É importante ressaltar que os mitos da mulher indígena como exacerbadamente sexual, bem como do homem indígena preguiçoso perpetuaram-se no Brasil contemporâneo – tendo a manutenção desse *status quo* pela construção artística filmográfica e literária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. pp. 109.

FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*. V. 11. pp. 15-34. Maranhão. 2014.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. Minas Gerais: Dominus, 1965. pp.433.

FRANCO, Maria Asenate Conceição. As “negas” dele: Violência racial intragênero e marcas do Brasil colônia em contextos rurais baianos no século XXI. *Anais do V Seminário internacional enlaçando sexualidades*. pp.11.

¹⁷ Sincretismo religioso.

¹⁸ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 481. Ed. São Paulo: Global, 2003. p. 220.

¹⁹ FERRETTI, Sérgio F. Sincretismo e hibridismo na cultura popular. *Revista Pós Ciências Sociais*. V. 11. Pp. 15-34. Maranhão. 2014.

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 481. Ed. São Paulo: Global, 2003. pp. 703.

GILBERTO FREYRE. In: Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gilberto_Freyre. Acesso em: 29 de nov. de 2022.

MAIO, Marcos Chor; Tempo controverso: Gilberto Freyre e o Projeto UNESCO. *Revista Tempo Social*. Universidade de São Paulo. São Paulo, V. 11 (1). pp. 111-136, 1999.

PEREIRA, Sthefane Felipa da Costa. O imaginário feminino indígena no cinema brasileiro. 2016. 117 fls., il. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Programa de Graduação em Comunicação Social. Universidade de Brasília (UNB), Brasília, 2016.

TERUYA, Priscilla Soares. “Feirinhas”: Problematizando os discursos midiáticos sobre os estupros coletivos de mulheres indígenas. Orientadora: Andrea Cristina Coelho Scisleski. 2017. 160 fls. *Dissertação*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande (MS). Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/1021979-final.pdf>>. Acesso em: 29 de nov. 2022.